



Consumo e Vivência de Alteridade no Entretenimento Factual Televisivo: Um Estudo Sobre as Representações do Outro em “A Liga” e “O Mundo Segundo Os Brasileiros”¹

José Augusto Mendes Lobato²

Universidade de São Paulo (USP)

Resumo

Neste trabalho, propomos uma investigação a respeito dos procedimentos de representação da alteridade realizados pela televisão contemporânea – mais especificamente, em produções que combinam gêneros documentais e jornalísticos a formatos como o *reality show*, traduzindo universos geográfica ou culturalmente distantes do telespectador. Para isso, serão elencadas reflexões teóricas sobre representações sociais, identidade e alteridade na linguagem e a configuração de novos realismos no ambiente televisivo. Para análise específica, elegemos seis episódios de dois programas – “A Liga” e “O Mundo Segundo os Brasileiros”, ambos exibidos pela Band –, a fim de compreender as estratégias adotadas para promover a vivência e o consumo da alteridade, tais como a ênfase testemunhal, a abertura à diversidade, a estética ficcionalizada e a estruturação de polos opostos.

Palavras-chave: Alteridade; Televisão; Representações sociais; Entretenimento factual; Consumo.

Como parte das condições tecnológicas e culturais vividas a partir do século XX, hoje, mais do que nunca, podemos afirmar que as mídias nos levam a viagens e propiciam experiências pelos mais diversos lugares do planeta. No campo da televisão, a questão se torna ainda mais pertinente. A despeito de diferenças de gênero e estatuto, diversos programas, como telejornais, *reality shows*, documentários, programas de variedades, grandes reportagens e teleficções, têm em comum essa capacidade de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 09 – Comunicação, Discursos da Diferença e Biopolíticas do Consumo, do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação – Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

² Jornalista, doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (PPGCOM-USP). Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. Professor de Pós-graduação *lato sensu* no Complexo FMU. Editor na Report Sustentabilidade. E-mail: gutomlobato@gmail.com.



conduzir-nos, via representação audiovisual, a um processo que evoca simultaneamente a identificação com o Eu/Nós e a descoberta do Outro.

Noções hoje tidas como solo comum para os Estudos Culturais, como as de narrativa da nação, mito fundacional, ênfase nas origens (HALL, 2001) e escrita da tradição (BHABHA, 1998), são nitidamente respostas dadas à reflexão sobre as funções domesticadoras e identitárias dos processos narrativos. Ao contarmos histórias, modulamos sistemas de pensamento, valores, atitudes e posturas diante do ambiente circundante, convencionalizando os fenômenos e fatos dentro de enquadramentos e parâmetros socialmente compartilhados. Esse processo tem, *a priori*, uma dimensão de familiarização, visto que narrar é, fundamentalmente, moldar a identidade dos agrupamentos, fornecendo “estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres” (HALL, 2011, p.53) que modulam sua história e sua singularidade.

Por outro lado, salta aos olhos a função operada por diversos gêneros e formatos televisuais que levam à descoberta do Outro. São notáveis, na programação da TV brasileira, questões como o crescimento da presença de paisagens internacionais na teleficção, a abordagem de conflitos sociais e temas polêmicos em *realities* e programas documentários e jornalísticos (SOARES, 2015) e uma tematização de universos ditos exóticos, seja fora do Brasil (países do Oriente e do mundo árabe, destinos turísticos inusitados), seja dentro do território nacional (biomas e regiões pouco povoadas, comunidades tradicionais etc.). Não são, de certo, ocorrências pontuais. Acreditamos que as por nós denominadas *narrativas de alteridade*, que têm como característica central atuar como histórias de trajetos, descobertas, contatos, tensões e embates com o universo da diferença, têm ganhado cada vez mais espaço na TV ao expor as fissuras e “contra-narrativas” (BHABHA, 1998) de determinado universo de representações. Por oscilar entre o espanto diante do novo – uma modalidade estilizada do choque – e sua diferenciação em relação ao Eu/Nós, as narrativas de alteridade mobilizam suas audiências essencialmente pela via do estranhamento, ao invés da identificação.



Em linha com Soares (2015), situamos tal movimento dentro de uma renovação da linguagem televisiva que resulta em novos realismos audiovisuais, que pressupõem cada vez mais a abertura temática ao contraditório, ao questionamento das estabilidades e ao acionamento afetivo das audiências. Fazemos coro às palavras da autora, concordando que, “ainda que haja um grande volume de produções televisivas que não colocam essa preocupação em primeiro plano”, a TV brasileira tem buscado se apoiar na “forte presença de temas polêmicos, geralmente de cunho social, chamando ao posicionamento e ao engajamento não apenas de produtores, mas também da audiência” (SOARES, 2015, p.234). E acrescentamos que é por meio da *vivência* e do *consumo* de alteridade que tal operação é realizada, tanto em gêneros jornalísticos e de ficção quanto nos que combinam técnicas dos dois campos.

Neste texto, nossa proposta é investigar de que modo universos de alteridade são representados nos programas do chamado entretenimento factual televisivo. Para isso, selecionamos como objeto de análise os programas “A Liga” e “O Mundo Segundo os Brasileiros”, exibidos pela Rede Bandeirantes desde 2010 e 2011, respectivamente. Por meio dessa análise, esperamos identificar ferramentas adotadas para valorizar a experiência de contato com os universos abordados e, assim, reforçar nossa hipótese de que a experiência de contato com a diferença obedece a articulações de consumo nas mídias audiovisuais, visando ao engajamento das audiências.

Narrar o Outro: A Linguagem, o Laço Social e as Representações

Desde os primeiros estudos sobre a representação, na filosofia clássica, nota-se que o processo de transpor os fenômenos da realidade aparente para o plano simbólico tem uma função dupla: uma, que alude à imitação propriamente dita, assegura a manutenção das informações, um processo de “cópia” dos fenômenos e um utilitarismo necessário à sobrevivência material do indivíduo; e outra, muito propriamente defendida na *mimese* de Aristóteles, que pressupõe um processo criativo, uma intervenção sobre o mundo que constitui representações que transcendem a mera imitação da realidade aparente. Vilém Flusser (2008) atribuirá a esse processo de



abstração – que resulta na produção de textos, imagens e conceitos – uma função existencial; é por conseguir concatenar e organizar o real em representações que os indivíduos conseguem, de fato, estar no mundo. Para o autor, “o homem precisa inclinar-se sobre o mundo-texto a fim de poder decifrá-lo. Tal postura de inclinação, tal postura reverencial perante o mundo é, se vista fenomenologicamente, a maneira como o homem histórico está no mundo” (FLUSSER, 2008, p.50).

Ao produzirmos representações e discursos que buscam dar conta do mundo, seja nas conversações cotidianas, seja nos sistemas da mídia, operamos no que Gomes denomina *ordem simbólica* – uma instância na qual as estruturas da realidade vivente são constituídas e articuladas, em um trabalho de denominação das coisas, elaboração de interpretações e formação de molduras e enquadramentos. Este processo está extremamente conectado à formação do imaginário como “realidade a ser vivida” (GOMES, 2008, p.46) e à assunção do laço social – os modos de posicionamento e conexão entre os sujeitos e o ambiente circundante. Assim, a ordem simbólica:

Consiste em organizar mundo dizendo-nos, ao diferenciar suas partes, como ele pode ou deve ser visto. A partir disso, delineiam-se linhas de conduta, tomadas estratégicas diante desta visão. A ordem simbólica nos apresenta aquilo a ser visto, experimentado, vivido: tanto os modos quanto as existências (GOMES, 2008, p.26).

Em termos estruturalistas e da psicanálise lacaniana, o trânsito entre o Real e o Simbólico pressupõe a domesticação das experiências por um ambiente sociocultural que dará amarras aos fenômenos, aos fatos e às cenas, gerando implicações diretas sobre a identidade e a definição da alteridade. A realização do sujeito, nessa perspectiva, se dá em uma “dependência significativa à linguagem, ao lugar do Outro” (FREITAS, 1992, p.54), e o simbólico se torna um lugar para se forjar identidades e subjetividades. Como diz sinteticamente Kathryn Woodward (2000, p.40), “a identidade depende da diferença” – ou seja, para circunscrever universos de familiaridade é preciso supor fronteiras e delimitações que indicam o que pertence ao Eu/Nós (familiar, reconfortante, acolhedor) e o que é do domínio do Outro (desconcertante, estranho, por vezes ilegível).



Na mesma linha, ao mesmo tempo em que reconhece que “existir é ser chamado à existência em relação a uma alteridade, seu olhar ou *locus*” (BHABHA, 1998, p.75), Homi Bhabha nota que a identificação é um “espaço de cisão” (BHABHA, 1998, p.76). As narrativas integradoras, criadas para conferir ordem ao mundo, respondem à nossa demanda natural por identificação ao mesmo tempo em que assistem ao surgimento contínuo de aberturas e fissuras no Eu/Nós, em um processo no qual a palavra-chave não é a solidez, mas a instabilidade:

A questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. (...) É sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem (BHABHA, 1998, p.76-77).

Em um mundo no qual as experiências possíveis são infinitas, e no qual os universos socioculturais a conhecer e com os quais confrontar-se não podem ser cristalizados, as possibilidades de exploração desses limiares e brechas em que o Outro e o Eu/Nós se confundem é um pressuposto das narrativas midiáticas. Daí nosso entendimento de que, ao falarmos de narrar a nação, como amplamente explorado nos Estudos Culturais, é imprescindível falarmos, também, de *narrar o Outro* – e explorar as muitas complexidades desse processo de representação.

Outra concepção importante para esse raciocínio vem da teoria das representações sociais, sob a ótica de Serge Moscovici (2003). Ao percebê-las como elementos constituintes tanto do pensamento quanto da expressão exterior dos indivíduos, o autor explora de que maneira o trabalho de representar está conectado a referências anteriores aos próprios sujeitos; por isso, são notadas funções tanto convencionais – já que as representações “convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos” (MOSCOVICI, 2003, p.34) – quanto *prescritivas*, já que elas englobam modelos, modos de ver que acabam disciplinando e domesticando a apreensão do mundo exterior. Nesse sentido, podemos falar nas representações como um instrumento de ordenamento simbólico que acaba definindo esquemas classificatórios, de denominação, interdição, categorização e atribuição de valores àquilo que não conhecemos. Ou seja, de tradução e conversão daquilo que é “estranho”



– a alteridade – em algo compreensível, com todas as problemáticas e limitações que isso implica. Moscovici reitera tal raciocínio ao afirmar que “a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade”; ou seja, permitir aos sujeitos que as utilizam e legitimam habitar os chamados universos consensuais, “locais onde todos querem sentir-se em casa, a salvo de qualquer risco, atrito ou conflito” (MOSCOVICI, 2003, p.54).

Com base nessas reflexões, chegamos a uma importante definição para a análise das narrativas de alteridade: sua diferenciação em relação aos processos de enunciação da identidade está justamente em reforçar e expor as fissuras e os laços que constituem os polos opostos entre o próximo e o distante. As narrativas de alteridade, como as definimos aqui, são essencialmente produtos que exploram o embate entre o semelhante e o diferente, separam o já compreensível daquilo que deve ser traduzido; ordenam, domesticam e disciplinam o Outro, convertendo-o em algo a ser consumido. É necessário reconhecer que as produções da linguagem, a despeito de sua aparente transparência, sempre trabalharão sobre a tensão das identidades e diferenças, buscando solucioná-la a partir de diferentes artifícios discursivos e procedimentos de linguagem.

Televisão: Porosidade, Novos Realismos

Nossas reflexões até o momento apontam para a necessidade de problematizar a questão da enunciação do Outro em diferentes ambientes midiáticos. No entanto, nosso foco, neste texto, está na linguagem televisiva. Diversos autores, como França (2009) e Bucci (2000), irão se debruçar sobre a análise dessas componentes e sua ligação com o espaço público e as relações sociais e intimidades das audiências. Partindo da hipótese de um *telespaço público* – entendido como a condição contemporânea da esfera pública mediatizada –, Bucci afirma que, no Brasil, a TV pouco a pouco assumiu “o papel de absorver e precipitar as tendências de comportamento e de identificação em meio ao caldeirão de signos que borbulham no cenário discursivo a que chamamos precariamente de realidade” (BUCCI, 2000, p.113). Para o pesquisador, o telespaço é um modelo de existência, um estar-no-mundo



permeado pela presentificação e pela quebra da espaço-temporalidade como antes a conhecíamos. Já Vera França conceitua a televisão como uma prática social. Por meio da analogia ao modelo homeostático, a autora dirá que, assim como ocorre nas relações familiares e sociais, a televisão trabalha como um espaço “poroso”, suscetível a mudanças e capaz de capturá-las e adaptar-se ao ambiente exterior.

Se, por um lado, o alinhamento da televisão com as forças dominantes vem sendo denunciado já há muitos anos, é preciso também lhe atribuir os créditos de sua porosidade (...) à luta pela mudança de representações, à circulação de diferentes discursos sociais (FRANÇA, 2009, p.45).

Esse debate abre margem para compreendermos a emergência de um novo modelo de televisão, marcado pela mistura de gêneros e pela proposição de novas formas de realismo, focadas na representação das tensões, contradições e diversidades. Como aponta Soares (2015), a hibridação constante das linguagens e a mescla entre o referencial e o ficcional em programas como *reality shows*, documentários, docudramas, grandes reportagens jornalísticas e programas de variedades estimulou o surgimento de novos gêneros, concatenados por diversos pesquisadores em torno de termos como “reality TV”, “TV-verité” ou “factual TV”. Tais movimentações indicam um tipo de realismo que se dá não somente a partir de estratégias referenciais – como preconizado no realismo literário clássico³ –, mas também a partir de técnicas de montagem, captura e edição e elementos de linguagem que reforçam o apelo sensível, a estetização e a função expressiva do audiovisual. Nas palavras da autora, trata-se de:

Um realismo crítico e político, oscilando entre uma forma documental de expressividade e o melodrama ficcional narrativo. Para além da construção de efeitos de realidade, em que ocorre o mascaramento dos processos de ficcionalização nela implicados, vemos nas narrativas audiovisuais uma espécie de retorno pregnante do real (na forma de choque, paixão ou horror) contrapondo-se ao elogio disperso da ficção (na encenação reiterada do mundo vivido) (SOARES, 2015, p.219).

As mudanças propiciadas são muitas e ultrapassam os limites de nossa discussão. Cabe destacar, por exemplo, a emergência dos *reality shows* como fenômeno mundial, a exploração das intimidades humanas em programas de auditório e

³ Aqui, cabe mencionar o clássico estudo de Roland Barthes (1988) sobre os efeitos de realidade construídos na literatura do século XIX, cujo modelo é transfigurado pela TV contemporânea.



variedades, a rendição do telejornalismo clássico – impessoal, factual e referencial – aos programas jornalísticos “de bastidores” ou “dramatizados”⁴ e o sucesso dos programas interativos, que contam com a participação de telespectadores por votações, ligações e ativação em mídias sociais e valorizam o “cidadão comum” em suas pautas e tematizações. Alguns efeitos de sentido perceptíveis incluem a ideia de retorno do real proposta por Soares, com base em Hal Foster, e também a emergência de uma vigilância constante, seguindo os raciocínios de Arlindo Machado (2001). Os novos realismos televisivos não propõem somente a observação de narrativas com baixa interferência subjetiva; alinham-se, também, ao interesse pela espetacularização e pela exposição, muitas vezes supondo a quebra de códigos de gênero e formatação. Nas palavras de Machado (2001, p.226), “nossa sociedade – retomando novamente Foucault – é menos a dos espetáculos do que a da vigilância. (...) Em nossa sociedade marcada pelo destino do Panóptico, a própria vigilância resulta também em espetáculo”.

Preocupada em compreender a natureza desse fenômeno, Soares identificará algumas grandes características de linguagem dos atuais produtos televisivos: a) uma estética realista, vinculada aos modos de edição e montagem dos materiais; b) a retórica testemunhal, baseada na participação ativa de repórteres/apresentadores na cena, bem como de “personagens” trazidos para ilustrar conflitos e questões; c) a ênfase em visualidades precárias, ou seja, a adoção de uma estética bruta, sem apuro ou pretensão artística, criando o efeito de sentido de contato direto com os universos retratados; d) a partilha do sensível, que reforça a exposição de sentimentos, intimidades e emoções e aprofunda o processo diegético; e e) a assunção de novos regimes de visibilidade, por meio da exploração da diversidade, do contraditório e de vozes antes relegadas a segundo plano nas narrativas midiáticas, questionando estigmas e representações sociais.

Com base nesses elementos, Soares perceberá a necessidade de se pensar a produção audiovisual dos nossos dias de hoje “como sintoma de uma época pautada

⁴ A respeito de uma dramaturgia do telejornalismo, conferir a pesquisa de Coutinho (2012).



pelo desajuste, pelo transbordamento e pelo conflito, aspectos que se fazem presentes, portanto, em tal produção” (SOARES, 2015, p.219), incluídos aí processos migratórios, particularidades culturais e étnicas, tabus e questões socioeconômicas. Munidos dessas reflexões, buscaremos, agora, examinar alguns recursos adotados na representação de alteridade em dois programas que traduzem de forma exemplar a linguagem do novo realismo televisivo.

A Experiência de Alteridade em “A Liga” e “O Mundo Segundo Os Brasileiros”

Definido como um programa de documentários com abordagem jornalística, “A Liga” é exibido pela Rede Bandeirantes desde maio de 2010 e está, hoje, em sua sétima temporada. O formato, criado pela produtora argentina Eyeworks, contempla programas de uma hora de duração, destinados à exploração de temas sociais, culturais e econômicos polêmicos. Na descrição do *site* da emissora, lê-se: “A Liga mostra a vida como ela é, sem filtro, sempre abordando diferentes temáticas ao longo de seus episódios”⁵. O programa tem como característica propor documentários temáticos, recorrendo a experiências imersivas dos apresentadores no universo retratado, depoimentos de especialistas e cidadãos comuns e, frequentemente, exposição de situações de perigo ou intensidade emocional. Na temporada 2016, são apresentadores Maria Paula, Mariana Weickert, Thaíde e Guga Noblat; em anos anteriores, já colaboraram atores, VJs (como o ex-MTV Cazé Peçanha) e ex-modelos.

Também exibido pela Band e com concepção da Eyeworks, “O Mundo Segundo os Brasileiros” estreou em 2011 no Brasil e é um *reality show* focado em viagens, com linguagem de documentário e objetivo de apresentar as rotinas e os costumes de diferentes cidades ao redor do mundo, recorrendo à apresentação das locações por brasileiros que nelas residem. Em edições de 45-50 minutos, o programa já percorreu mais de 60 cidades de países como Nova Zelândia, China, República Tcheca, Noruega, Portugal, Estados Unidos, Moçambique, Malásia e Índia.

⁵ Disponível em: <<http://entretenimento.band.uol.com.br/aliga/2016>>. Acesso em 30 abr. 2016.



Nota-se, na proposta, na concepção e na análise dos programas, vinculações diretas entre nossas reflexões sobre as narrativas de alteridade e os modos de acionamento e mobilização do telespectador, com claras misturas entre referencialidade e ficcionalidade. Por isso, seguindo terminologia explorada por Soares (2015) e adotada na televisão britânica, optamos por denominá-los produtos de *entretenimento factual* – narrativas de não ficção que utilizam a estética ficcionalizada (edição aprofundada, sonorização, elementos gráficos etc.) em uma abordagem documentária dos fatos sociais. Em “O Mundo Segundo os Brasileiros”, a exibição de paisagens internacionais remete a um caráter geográfico de alteridade, tratando da diferença cultural, dos costumes de cada localidade e da adaptação dos brasileiros à rotina fora de seu país de origem, usando-os como “agentes tradutores” da diferença cultural. Já em “A Liga”, salta aos olhos o objetivo de tratar de um Outro de viés sociocultural; os programas são majoritariamente filmados em solo nacional, abordando temas-tabu, subculturas, comunidades e realidades marginalizadas, pouco tratadas em outras produções da TV aberta brasileira, com uma abordagem exploratória e autoral.

Em nosso estudo, selecionamos três programas de “O Mundo Segundo os Brasileiros” e três de “A Liga”, exibidos nas temporadas 2015 e 2016, para análise. São eles, respectivamente: “Caracas” (exibido em 3/4/2016), “Ilha da Madeira” (7/11/2015) e “Varsóvia” (28/9/2015), do primeiro programa; e “Os milionários brasileiros” (18/4/2016), “Corpos que falam: investigação criminal” (25/4/2016) e “Treinamento militar” (5/5/2015), do segundo⁶. Foram examinados diversos aspectos dos programas, como linguagem/estética visual, seleção de fontes, textos narrados pelos apresentadores e personagens, recursos gráficos e técnicas de edição.

Um dos principais recursos empregados em ambos os programas, notável em todos os episódios analisados, é a ênfase na *retórica testemunhal* – que acaba se tornando, a um só tempo, um modo de encarnar os processos de tradução (BHABHA, 1998) da alteridade em figuras humanas, capazes de gerar identificação, e um recurso

⁶ Todos os episódios estão disponíveis nos canais dos respectivos programas no Youtube: <https://www.youtube.com/user/OMundo2osBrasileiros> e <https://www.youtube.com/user/pgmaliga>.



de confecção do realismo nas narrativas que exploram a diferença cultural e temas polêmicos da sociedade brasileira. Como afirma Leal, em análises sobre o telejornalismo, é pela via da singularização que se alcança uma visão humanizada do fato, já que “o tema geral e as perspectivas que a notícia apresenta aparecem encarnados em figuras específicas” (LEAL, 2009, p.96). Este é um dos pontos em que os programas acabam flertando com a linguagem jornalística, recorrendo a fontes locais e recursos como histórias de vida para ilustrar temas de difícil compreensão.

É importante notar, porém, que, se por um lado, são emulados recursos da reportagem e da linguagem informativa, a presença da figura humana está também ligada ao modelo dos novos realismos, aludindo a um testemunhal de viés afetivo, que podemos conectar à partilha do sensível debatida por Soares (2015). Em “A Liga”, não se evita demonstrar as emoções dos apresentadores diante de situações-limite ou de alto impacto emocional – o que se percebe, por exemplo, quando a apresentadora Maria Paula fica fragilizada diante dos casos de homicídio testemunhados no programa “Corpos que falam” ou quando Mel Frockonwiak, exausta após dias de provas físicas, discute com o cinegrafista e a produtora, em “Treinamento militar”. Nesse sentido, a narrativa propõe uma experiência imersiva que transcende certos códigos, aproximando-se de um modelo dramatizado com traços de ficcionalidade – o transbordamento das emoções, o uso de trilha sonora de suspense – e também de referencialidade, calcada no testemunho de alguém que *sente na pele* as situações extremas e os dramas do Outro, na descoberta de um universo desconhecido.

Em “O Mundo Segundo os Brasileiros” se destaca um tipo de narrativa sem textos em *off*: os programas são integralmente conduzidos por brasileiros, que, em sequência, apresentam suas vivências em cada cidade, sendo o tom autoral relegado a eles, e não a um realizador que “guia” o programa. Apesar de enfatizar elementos pitorescos – pontos turísticos, alimentos exóticos, feiras de artesanatos e museus –, também são fornecidos dados históricos, contextuais, sociais e políticos sobre cada região. No programa sobre Caracas, por exemplo, Elianah Jorge, 38 anos, produtora de TV há sete anos vivendo no país, leva-nos a um “dia de compras”. A atividade mais



importante do dia expõe grande contraste cultural e socioeconômico: as filas para aquisições de produtos da cesta básica, fruto da crise de abastecimento que assola o país. Enquanto dirige-se a uma enorme fila, Elenah comenta:

A problemática do país, hoje em dia, é a questão de conseguir ter acesso aos produtos subsidiados. Tem aqui o chamado preço justo, a gente tem pelo terminal o final numérico da carteira de identidade. Eu posso comprar terça (hoje) e sábado, então tô indo lá pra vila pra comprar feijão, arroz, todos os produtos da cesta básica que eu tô precisando lá em casa. (...) Todo dia tem muita fila na frente dos supermercados.

Embora essa não seja a tônica geral da intervenção de seus apresentadores, que adotam postura mais pessoal e imersiva nos ambientes, “A Liga” também investe em uma estética documental; destaca-se, por exemplo, o programa “Corpos que falam”, no qual Thaíde entrevista uma especialista em balística que detalha o passo-a-passo dos processos de análise e, também, no qual Maria Paula consulta representantes da polícia sobre a frequência, incidência e natureza dos homicídios praticados em São Paulo. Aqui, encontramos mais um elemento, para além da função testemunhal, que marca os programas analisados: a exposição de contradições, conflitos e certa *busca por diversidade* nos modos de representação de universos desconhecidos por boa parte dos telespectadores. No caso, nota-se que a demarcação dos pontos de diferenciação entre a cultura brasileira e o Outro, no caso de “O Mundo Segundo os Brasileiros”, e os questionamentos sobre estereótipos, como se vê no programa sobre milionários e na abordagem da herança comunista em Varsóvia, em “A Liga”, correspondem a uma tentativa – mesmo que eventualmente falha – de colocar estereótipos da alteridade em crise. Claramente, nota-se maior presença desse aspecto em “A Liga”, por sua vinculação com temáticas mais densas e polêmicas; em “O Mundo Segundo os Brasileiros”, a diversidade é comumente tratada pelo viés da curiosidade, do pitoresco e do estímulo ao consumo – tema a que voltaremos em breve.

Isso nos leva, também, a mapear um terceiro ponto: *a construção de jogos de oposição*, que, como vimos, é algo natural aos procedimentos de fixação identitária operados na linguagem. Desde a exibição de peculiaridades do Outro – a vida de ostentação dos milionários de Miami, a paixão dos habitantes da Ilha da Madeira pelo



jogador Cristiano Ronaldo, inclusive com um museu dedicado a ele, o isolamento dos militares em treinamento – até o uso de termos como “aqui, diferente do Brasil”, “o maior problema daqui”, “a vida deles é muito diferente” e “é outro mundo”, identificamos a construção da diferença operada pela referência à história e aos costumes dos países (“O Mundo Segundo os Brasileiros”) e pela separação clara entre um Brasil “convencionalizando” e aquele dos grupos retratados (“A Liga”). Mesmo dentro do país, tais comparações são feitas em “A Liga” e indicam que *a experiência de alteridade, muitas vezes, é a própria intriga narrativa do programa*, em linha com a proposta de uma abordagem “sem filtros”. No programa sobre treinamentos militares, Mel Frockonwiak faz uma constatação com tom de desabafo, exposta ao cansaço e à fome junto com os soldados do Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS):

Tudo, no Exército, tem cerimônia: nada é assim, serve, senta e come. A gente vai marchando, é servido por uma ordem, volta pro lugar, para de marchar, pra depois todo mundo junto poder comer. É muito cansativo. Depois dessa corrida toda, vou comer com muito gosto. (...) não importa se tá frio, se a gente tá de pé. O importante é que a gente tá comendo.

Quanto à edição e à montagem, em “O Mundo Segundo os Brasileiros”, a exposição dos universos de alteridade segue uma abordagem mais estilizada. Apesar da proposta realística, os brasileiros expatriados no geral fazem passeios “encenados” pelos locais que mostram, gerando materiais exuberantes e atrativos – na linha de outros *reality shows* de viagens. Já “A Liga” bebe da estética das visualidades precárias, típica do realismo audiovisual; as imagens por vezes são desfocadas, as filmagens se baseiam quase exclusivamente em iluminação natural, os apresentadores são exibidos sem maquiagem, muitas vezes sujos ou suados; a câmera é trêmula, os cortes são bruscos e, por vezes, não delimitam claramente a localização geográfica e a transição de cenas.

Também devemos ressaltar um elemento que salta aos olhos em nossa análise: a vinculação entre experiências de alteridade e o consumo. Além de traduzir singularidades, costumes e hábitos dos universos retratados, os programas expõem a associação entre a descoberta do Outro e o acesso a bens, serviços e objetos que traduzem seus estilos de vida e elementos de identidade. Em “O Mundo Segundo os Brasileiros”, o apelo é bastante claro: mapeamos, nos programas, ao menos cinco



momentos em que a compra de alimentos tradicionais locais, ingressos para museus e bilhetes para atrações ou serviços foi documentada. Junto de imagens e depoimentos dos brasileiros, são apresentados os preços de cada item, por meio de tarjas na tela. Em “A Liga”, também há sutis menções ao universo do consumo no programa sobre os milionários, como o deslumbramento de Mariana Weickert, em um passeio de lancha, e de Maria Paula, durante uma visita à adega de vinhos da empresária Cozete Gomes.

Desse modo, fica evidente *a associação entre a experiência de alteridade e o estímulo ao consumo*, algo que certamente merece investigação mais aprofundada. Notamos, aqui, uma problemática explorada por diversos pesquisadores dos estudos culturais e pós-coloniais: o assujeitamento da alteridade, convertida em objeto de apreciação que pode ser adquirido, ao invés de vivenciado. Nos processos de familiarização e tradução, muitas vezes, notamos que o Outro pode ser reduzido a uma paisagem a ser contemplada, a um objeto a ser adquirido ou a uma viagem a ser realizada. Cabe refletir, em suma, sobre as conexões entre os realismos das narrativas de alteridade e a conversão de viagens simbólicas em experiências de consumo.

Considerações Finais

Em nossa análise, mapeamos uma série de procedimentos ou técnicas de representação dos universos de alteridade em “A Liga” e “O Mundo Segundo os Brasileiros”: a retórica testemunhal e a singularização; a relativa busca por diversidade nos modos de apresentação do Outro; a construção de jogos de oposição, por meio da qual se traduz e reduz a não familiaridade, por vezes tornando a experiência de alteridade a própria intriga narrativa do programa; e a associação entre a experiência de alteridade e o estímulo ao consumo, notável na apresentação de estilos de vida e na exibição de produtos e serviços, conectando-os à descoberta do Outro.

Tais elementos, embora não conclusivos e aplicados a um retrato específico sobre dois exemplares da produção contemporânea de entretenimento factual, nos permitem amplificar a discussão sobre os modos com que imagens e representações de dimensões de alteridade são construídas nas narrativas televisivas, convidando



telespectadores a embarcar em viagens simbólicas que os levem ao desconhecido – operação que, como vimos, é sempre um desafio e uma chave de engajamento.

Referências

- BARTHES, Roland. O efeito de realidade. In: **O Rumor da Língua**. SP: Brasiliense, 1988.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BUCCI, Eugênio (Org.). **A TV aos 50**. São Paulo: Ed.Fundação Perseu Abramo, 2000.
- COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo**. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2012.
- DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**. São Paulo: Annablume, 2008.
- FRANÇA, Vera. **Narrativas televisivas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- _____. A televisão porosa: traços e tendências. In: FILHO, João Freire (org). **A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- FREITAS, Jeanne Marie Machado. **Comunicação e psicanálise**. São Paulo, Escuta, 1992
- GOMES, Mayra Rodrigues. **Comunicação e identificação**. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Guaracira, 2001.
- LEAL, Bruno Souza. Telejornalismo e autenticação do real. In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.). **Televisão e realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MACHADO, Arlindo. **Máquina e Imaginário**. São Paulo: Edusp, 2001.
- _____. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Campinas: Papirus, 2002.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- SERELLE, Marcio. Profissão repórter revisitado: as dimensões do afeto. In: SOARES, Rosana; GOMES, Mayra (Orgs.). **Profissão Repórter em diálogo**. SP: Alameda, 2012.
- SOARES, Rosana de Lima. Realismos audiovisuais: visibilidades intertextuais em documentários televisivos. **Doc On-line**. 2015. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/18/artigos_2.pdf>. Acesso em 2 fev. 2016.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórico e conceitual. In: SILVA, Tomaz. **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.